



ORIENTE MÉDIO EM CONVULSÃO

Amir Kholousi/AFP



Iraniano caminha diante de escombros de prédio atingido, em Teerã

John Wessels/AFP



Bola de fogo ilumina o céu de Tel Aviv, durante ataque com mísseis

UGC/AFP



Explosão em base naval americana em Manama, capital do Bahrein

Mídia estatal de Teerã confirma que o líder supremo Ali Khamenei foi eliminado na ofensiva para destruir as capacidades militares e derrubar o regime teocrático islâmico. Retaliação iraniana atingiu várias nações vizinhas e foi alvo de críticas

EUA e Israel atacam Irã e matam o aiatolá

» RODRIGO CRAVEIRO

Em meio a uma escalada no Oriente Médio de consequências imprevisíveis, 47 anos de regime teocrático islâmico sofreram um golpe sem precedentes. “(Ali) Khamenei, uma das pessoas mais perversas da história, está morto. Isso não é apenas justiça para o povo do Irã, mas para todos os grandes americanos, e todas aquelas pessoas de muitos países ao redor do mundo que foram assassinadas ou mutiladas por Khamenei e sua gangue de sanguinários”, escreveu o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em sua plataforma Truth Social. “Ele foi incapaz de escapar de nossos sistemas de inteligência e rastreamento altamente sofisticados e, trabalhando em estreita colaboração com Israel, não havia nada que ele, ou os líderes mortos com ele, pudessem fazer.” Horas depois, a mídia estatal iraniana confirmou a notícia. “O Líder Supremo do Irã atingiu o martírio”, anunciou a emissora Irib.

A confirmação da morte do homem que ocupava o cargo de líder supremo iraniano desde 1989, depois de ser escolhido pelo aiatolá Ruhollah Khomeini, repercutiu como uma onda de choque em Teerã e em várias cidades do Irã. Também lançou a nação na incerteza. Gritos de euforia e de comemoração ecoaram de dentro das casas e das sacadas de Teerã e outras cidades. “Alguns militares da Guarda Revolucionária Iraniana estão atirando das janelas. As pessoas estão felizes, dançando e gritando”, contou ao **Correio** Reza (ele não quis ter o nome identificado), morador de Karaj, cidade de 1,9 milhão de habitantes situada a 46km de Teerã.

Assim que a notícia sobre Khamenei circulou, forças iranianas lançaram novos bombardeios contra Israel, matando uma mulher e ferindo 21 pessoas em Tel Aviv. O filho do xá deposto durante a Revolução Iraniana de 1979 celebrou o anúncio de Trump. “Com sua morte, a República Islâmica chegou de fato a seu fim e, em breve, será jogada na lata de lixo da história”, escreveu Reza Pahlavi na rede social X.

A morte de Ali Khamenei ocorreu durante a chamada Operação Fúria Épica, anunciada por Trump durante a madrugada de ontem (manhã, pelo horário iraniano). De boné e a partir de seu resort em Mar-a-Lago, na Flórida, o republicano enviou uma mensagem ao sustentáculo do regime teocrático islâmico e aos 93 milhões de iranianos: “Aos membros da Guarda Revolucionária Islâmica, às forças armadas e a toda a polícia, eu digo que vocês devem depor suas armas e ter completa imunidade, ou, em

AFP



Mulheres iranianas passam por mural com a fotografia de aiatolá Ali Khamenei, na Grande Mesquita Imam Khomeini, em Teerã

Repressão e fundamentalismo

» O líder supremo iraniano, o aiatolá Ali Khamenei, foi um estrategista habilidoso que nunca hesitou em recorrer à repressão e que superou muitas crises à frente do sistema teocrático da república islâmica. Aos 86 anos, dominou o Irã desde que assumiu o poder, em 1989, sucedendo o fundador da república islâmica, o aiatolá Ruhollah Khomeini. Ao longo de décadas, reprimiu brutalmente uma série de protestos, como a mobilização estudantil de 1999, as manifestações em massa

desencadeadas em 2009 por eleições presidenciais controversas e uma onda de contestação em 2019.

» Sempre com turbante preto e uma espessa barba branca, Khamenei sufocou duramente o movimento “Mulher, Vida, Liberdade” de 2022-2023, desencadeado pela morte de Mahsa Amini, detida por supostamente infringir o rígido código de vestimenta imposto às mulheres. Suas aparições públicas, relativamente pouco frequentes,

nunca eram anunciadas com antecedência nem transmitidas ao vivo. Khamenei nunca saiu do país desde que assumiu o poder, assim como o aiatolá Khomeini, que retornou ao Irã vindo da França durante a revolução islâmica de 1979.

» Filho de um imã, Khamenei nasceu em uma família pobre. Seu ativismo político contra o xá Reza Pahlavi, apoiado pelos Estados Unidos, fez com que passasse grande parte das décadas de 1960 e 1970 na

prisão. Sua lealdade ao aiatolá Khomeini foi recompensada em 1980, quando lhe foi confiada a importante tarefa de dirigir as orações de sexta-feira em Teerã. Após a morte de Khomeini, Khamenei inicialmente rejeitou, em um episódio que se tornou famoso, sua designação como líder pela Assembleia dos Peritos — o mais alto órgão clerical da República Islâmica — antes que os religiosos se levantassem para ratificar sua nomeação.

Além de Khamenei, teriam morrido nos bombardeios o seu conselheiro político, Ali Shamkhani; o chefe da Guarda Revolucionária, Mohammad Pakpour; e, pelo menos, 27 lideranças-chave do regime.

Mahmood Amiry-Moghaddam — diretor da organização não governamental Iran Human Rights (IHR) — avalia que a morte de Khamenei, se confirmada, representará um divisor de águas. “Ele era o líder incontestável da República Islâmica e o único capaz de mantê-la unida. Preferíamos vê-lo em um tribunal, sendo responsabilizado por todos os crimes que esse regime cometeu”, disse ao **Correio**. O ativista exilado na Noruega lembrou que, em janeiro, o regime de Khamenei foi o responsável pelo “maior e mais brutal massacre da história moderna no Irã”. “Estamos muito preocupados, pois sabemos que em uma guerra, os civis pagam o preço mais caro.”

Eu acho...

“O regime está em seu ponto mais frágil, e praticamente não tem legitimidade dentro do país. Mas o povo deve sair às ruas somente depois de o regime colapsar”



Arquivo pessoal

Mahmood Amiry-Moghaddam, diretor da organização não governamental Iran Human Rights (IHR)

“A confirmação da morte de Khamenei pode significar que o regime está livre de sua covardia e abordagem cautelosa. Os iranianos podem se sentir encorajados a agir e se manifestar.”



Arquivo pessoal

Arash Azizi, historiador e professor da Universidade de Yale

Cientista político da Universidade da Pensilvânia, Michael Horowitz entende que os ataques israelo-americanos refletiram uma escalada deliberada do conflito. “A partir do momento em que Trump apelou por uma mudança de regime, não haverá qualquer incentivo para recuo dos líderes iranianos”, avaliou.

Testemunhas

Moradora de Teerã, a jornalista Afifeh Abedi, 46 anos, contou ao **Correio** que escutou as primeiras explosões por volta das 10h pelo horário local (3h30 em Brasília). “Eu estava trabalhando. Soube, naquele momento, que a guerra tinha começado. Saí à rua na primeira hora dos ataques. O comércio fechou, e as pessoas tentavam voltar para casa”, relatou. Ela assegurou que a população vinha se preparando para essa crise. Apesar dos ataques dos EUA e de Israel, não havia surpresas em Teerã e no Irã. Quase todo o mundo sabia que havia a possibilidade de ataques, novamente, no meio das negociações. Prédios residenciais no centro de Teerã foram atingidos”, disse Abedi.

A 45km dali, em Karaj, moradores se apressavam para comprar e acondicionar suprimentos em casa. Reza relatou que “enormes explosões” sacudiam a cidade por volta das 20h30 (14h30 em Brasília). “As pessoas têm medo de que o conflito se prolongue, mas a maioria está feliz e dançando.”

alternativa, enfrentar a morte certa.” “Ao grande povo do Irã, eu digo, nesta noite, que a hora de sua liberdade está próxima. Quando terminarmos, tome o seu governo. Ele será seu.”

Retaliação

Aliado dos EUA, Israel participou da ação, a maior ofensiva aérea de sua história: 200 caças bombardearam 500 alvos no Irã, que retaliou com ataques a quatro bases militares norte-americanas no Oriente Médio e a interesses de Washington no Catar, nos Emirados Árabes Unidos, em Bahrein e na Arábia Saudita. Drones suicidas e mísseis iranianos atingiram a base da Quinta Frota Naval da Marinha dos EUA e um prédio residencial, em Manama (capital do Bahrein), além de uma área próxima a um hotel em Dubai. A Guarda Revolucionária Iraniana fechou o Estreito de Ormuz, corredor de 20% do

petróleo mundial. Parte do espaço aéreo do Oriente Médio foi interditado, cancelando 1.600 voos.

O regime do Irã contabilizou pelo menos 201 mortos e mais de 700 feridos nos bombardeios contra o território persa. Entre as vítimas, estão 108 crianças e funcionários de uma escola no sul do país. A ofensiva contou com o suporte de aviões do Reino Unido.

A comunidade internacional se dividiu entre apoio e condenação ao Irã. A Rússia denunciou os ataques dos EUA e de Israel como uma “aventura perigosa” e alertou para o risco de uma “catástrofe” no Oriente Médio. A China pediu cessar-fogo e avisou que a soberania nacional, a segurança e a integridade territorial do Irã devem ser respeitadas. Os países do Golfo Pérsico condenaram os ataques do Irã e rejeitaram qualquer explicação de Teerã. O Brasil criticou a Operação Fúria Épica e expressou

“grave preocupação”. O Conselho de Segurança da ONU reuniu-se em caráter de urgência, e o embaixador iraniano, Amir Saeid Iravani, classificou a ofensiva como “crimes contra a humanidade”.

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, anunciou o ataque ao centro do poder no Irã. “Esta manhã destruímos o complexo do tirano Ali Khamenei no coração de Teerã. Há muitos indícios de que esse tirano não esteja mais vivo”, declarou, horas antes da confirmação da morte. Autoridades israelenses informaram ao jornal *The Jerusalem Post* que o corpo do líder supremo iraniano, no poder desde 1989, teria sido encontrado sob os escombros do prédio. Pelo menos 30 bombas atingiram o quartel-general de Khamenei. A emissora israelense Canal 12 informou que Netanyahu e o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, receberam uma imagem do cadáver do aiatolá.